

# Usos botânicos da comunidade de Santa Terezinha, região ecotonal entre mata atlântica e caatinga na Bahia, Nordeste do Brasil

*Botanical uses of the Santa Terezinha community, ecotonal region between atlantic forest and caatinga in Bahia, Northeastern Brazil*

Priscila Cerqueira da Silva **VITÓRIO**<sup>1,4</sup>; Joicelene Regina Lima da **PAZ**<sup>2</sup>; Daiana de Jesus do **ROSÁRIO**<sup>2</sup>; Edinaldo Luz das **NEVES**<sup>2</sup>; Lia da Costa Alvim **ALVARENGA**<sup>3</sup> & Camila Magalhães **PIGOZZO**<sup>2</sup>

## RESUMO

A Etnobotânica é a ciência que analisa, estuda as informações populares, a história e a relação que o homem tem sobre o uso das plantas. Os povos tradicionais detêm um amplo conhecimento a respeito das plantas, desempenhando um importante papel no ambiente. O presente trabalho objetivou registrar o conhecimento acerca das espécies nativas de Fabaceae em uma comunidade tradicional de Santa Terezinha, Bahia, Brasil. Foram coletadas informações de 46 moradores por meio de questionário estruturado. No total, 90% dos entrevistados indicaram fazer uso de plantas no seu cotidiano e cerca de 80% afirmaram que tiveram seu primeiro contato com a utilização de plantas medicinais na infância. Foram mencionadas 59 espécies de plantas, um número alto quando comparado com outras comunidades, ao passo que os saberes botânicos majoritariamente se deviam às mulheres adultas. As espécies nativas disponíveis na região são aproveitadas para diversas finalidades, mas principalmente na medicina, tecnologia e produção de energia. Dentre as espécies vegetais amostradas, destacou-se *Poincianella pyramidalis* (catingueira). O cultivo e a coleta em quintais são as principais formas de obtenção das plantas. A comunidade revelou ser estritamente relacionada com as espécies nativas.

**Palavras-chave:** comunidade tradicional; espécies nativas; Etnobotânica, Fabaceae; plantas medicinais.

## ABSTRACT

Ethnobotany is the science that analyses, studies popular information, history and the relationship that man has on the use of plants. Traditional peoples have extensive knowledge about plants and play an important role in the environment. This work aimed to register the knowledge about the native species of Fabaceae, in a traditional community of Santa Terezinha, Bahia, Brazil. Information was collected from 46 residents through a structured questionnaire. In total, 90% of respondents indicated that they use plants in their daily lives and about 80% stated that they had their first contact with the use of medicinal plants in childhood. 59 plant species were mentioned, a high number when compared to other communities, while botanical knowledge was mostly due to adult women. The native species available in the region are used for various purposes, but mainly in medicine, technology and energy production and, among the plant species sampled, *Poincianella pyramidalis* (catingueira) stood out. Cultivation and collection in backyards are the main ways of obtaining plants. The community proved to be strictly related to native species.

**Keywords:** Ethnobotany; Fabaceae; medicinal plants; native species; traditional community.

Recebido em: 3 maio 2023  
Aceito em: 3 ago. 2023

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Conservação e Manejo da Biodiversidade, Universidade Católica do Salvador (UCSal), Avenida Professor Pinto de Aguiar, n. 2589, bairro Pituvaçu – CEP 41740-090, Salvador, BA, Brasil.

<sup>2</sup> Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge), Salvador, BA, Brasil.

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Internacional SEK (USEK), Chile.

<sup>4</sup> Autor para correspondência: prscilabiocerqueira@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

A Etnobotânica é a ciência que analisa, estuda as informações populares, a história e a relação que o homem tem sobre o uso das plantas (ALBUQUERQUE & HANAZAKI, 2006). Por meio dessa ciência, com base em levantamentos etnobotânicos, é possível conhecer o perfil de uma comunidade e os seus usos em relação à flora local, extraíndo importantes informações sobre o uso de plantas medicinais (LIPORACCI & SIMÃO, 2013). Tais informações mostram-se indispensáveis para a conservação das florestas e da diversidade vegetal e para que as comunidades tradicionais sejam respeitadas e valorizadas no seu modo de vida (MING & GROSSI, 2001).

Os povos tradicionais (e.g. indígenas, quilombolas, ribeirinhos, caboclos, pescadores, seringueiros) detêm um amplo conhecimento a respeito das plantas e seu ambiente. O uso de plantas medicinais é uma prática vital para muitos grupos étnicos e comunidades tradicionais (MACIEL *et al.*, 2002). Dessa forma, a utilização de espécies vegetais pelas comunidades tradicionais desempenha um importante papel sociocultural, tecnológico e ambiental, principalmente no que se refere à descoberta de plantas potenciais para o desenvolvimento de novos fármacos, fornecendo informações relevantes sobre as diferentes formas de uso e manejo executadas no seu cotidiano (RODRIGUES & CARVALHO, 2001; FEIJÓ *et al.*, 2013; RIBEIRO *et al.*, 2014; VÁSQUEZ *et al.*, 2014).

A investigação etnobotânica colabora para o desenvolvimento de novas formas de exploração dos ecossistemas (ALBUQUERQUE, 1999). Essa análise oferece subsídios para o uso sustentável da biodiversidade a partir da valorização e do aproveitamento do conhecimento empírico das sociedades humanas, definição dos sistemas de manejo e incentivando a geração de conhecimento científico e tecnológico voltado para o uso sustentável dos recursos naturais (FONSECA-KRUEL & PEIXOTO, 2004, VÁSQUEZ *et al.*, 2014).

Em termos de bioma, uma região de ecótono pode ser considerada uma zona de transição que abrange duas ou mais biogeocenoses, e essas áreas se caracterizam por possuir uma elevada biodiversidade, podendo apresentar espécies endêmicas, que só serão encontradas nessa zona de transição (MILAN & MORO, 2016). No município de Santa Terezinha (Bahia), há um ecótono entre os biomas mata atlântica e caatinga, e é possível verificar as áreas de transição entre essas holocenoses. Trabalhos envolvendo comunidades nos dois biomas são de grande importância, pois promovem o conhecimento a seu respeito e a sua valorização, já que ambas as biogeocenoses possuem um extenso histórico de degradação.

Nesse contexto, o presente trabalho objetivou registrar o entendimento acerca das espécies nativas de Fabaceae em uma comunidade tradicional de Santa Terezinha, na Bahia, Brasil. Buscou-se responder às seguintes questões: Quais categorias de uso das plantas (medicinal, artesanal, alimentício, ornamental, manufatura ou outros) são mais difundidas entre a comunidade? De que forma esse conhecimento está distribuído entre a população, levando em consideração parâmetros como idade e sexo? A comunidade reconhece as sete principais espécies arbóreas de Fabaceae mais representativas ocorrentes na região?

Levando em conta que o município onde a comunidade está situada se encontra em uma área ecotonal entre caatinga e mata atlântica, com extenso acesso aos recursos vegetais, espera-se um amplo conhecimento por parte da comunidade sobre a utilização das plantas da região, sobretudo em relação aos idosos, como já foi verificado em alguns estudos (FIGUEIREDO *et al.*, 1993; HANAZAKI *et al.*, 2000).

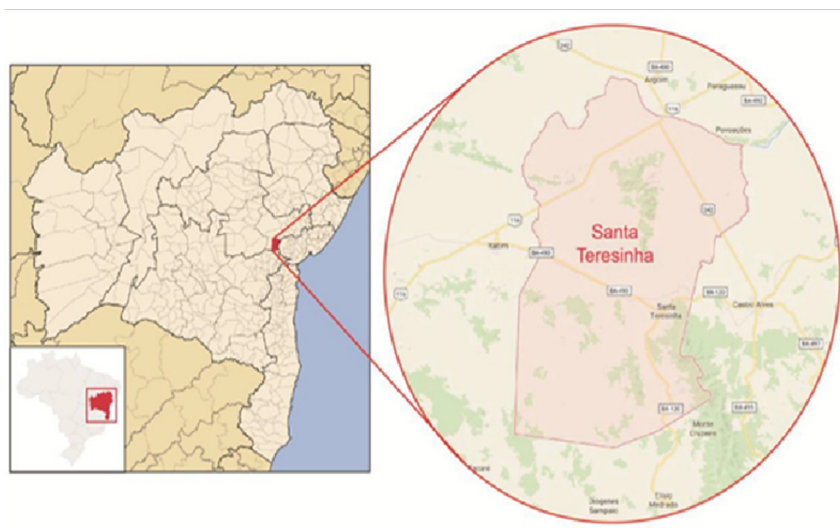
## MATERIAL E MÉTODOS

### ÁREA DE ESTUDO

O município de Santa Terezinha (12°46'19" S, 39°31'24" W) está situado no Centro Norte Baiano, localizado entre os municípios de Castro Alves, Rafael Jambeiro, Itatim e Elísio Medrado (figura 1), com aproximadamente 207 km de distância da capital baiana, possuindo 9.658 habitantes e 13.64 (hab/km<sup>2</sup>) de densidade demográfica (IBGE, 2021). A vegetação original do município inclui áreas

dos biomas mata atlântica e caatinga, além de uma zona de transição entre as duas biogeocenoses. A comunidade abriga ainda hoje grande diversidade de tipos vegetacionais, com extensas áreas de caatinga e mata ombrófila densa, que inclui a Serra da Jiboia, grande remanescente florestal do Recôncavo Sul Baiano (MACEDO *et al.*, 2013). O clima é do tipo subúmido a seco e semiárido (SEI, 2014). A precipitação anual média varia em torno de 1.066 mm, com regularidade de dois períodos chuvosos no ano (IBGE, 2021).

O município de Santa Terezinha é formado pelo Distrito Sede (único) e apresenta os seguintes povoados: Rio Seco, Boqueirão, Pedra Branca, Campo Alegre e Serra Grande. Embora cerca de 76% da população seja residente na zona rural, em virtude de questões logísticas e acessibilidade, o presente estudo abrangeu oito ruas da zona urbana. Para a seleção das ruas amostradas, escolheu-se a igreja matriz da cidade como ponto central, fragmentando-se a amostragem nas direções norte (frente da igreja), sul (fundo da igreja), leste (lado direito da igreja) e oeste (lado esquerdo da igreja). A direção leste foi o ponto de partida, circulando a cidade no sentido anti-horário, terminando no ponto de partida. As ruas e travessas percorridas foram: Travessa Dois de Julho, Rua Elísio Medrado, Rua Dois de Julho, Rua do Campo, Travessa Castro Alves, Travessa João Messias e Rua Duque de Caxias.



**Figura 1** – Localização do município de Santa Terezinha, Bahia, Nordeste do Brasil. Fonte: Google Imagens (2016).

## ESPÉCIES BOTÂNICAS-ALVO

São muito representativas e frequentes na região sete espécies apícolas arbóreas nativas de Fabaceae: 1) sucupira (*Bowdichia virgilioides* (Kunth), Papilionoideae), com 8-16 m de altura; 2) guapuruvu (*Schizolobium parahyba* (Vell.) Blake, Caesalpinioideae), com 20-30 m de altura, ambas ocorrendo em ambiente de mata atlântica, as demais ocorrem em ambiente de caatinga; 3) angico (*Anadenanthera colubrina* (Vell.) Brenan), com porte de 7-15 m; 4) jurema-branca (*Mimosa arenosa* (Willd.) Poir.) e 5) jurema-preta (*M. tenuiflora* (Willd.) Poir.), ambas de porte arbustivo a arvoretas, com 2-6 m de altura; 6) catingueira (*Poincianella pyramidalis* (Tul.) L.P. Queiroz), variando entre 1-6 m, sendo todas pertencentes a Caesalpinioideae; e 7) carrancudo (*Poecilanthe ulei* (Harms) Arroyo & Rudd, Papilionoideae), com altura entre 1,5-7 m (QUEIROZ, 2009). Os vouchers botânicos utilizados foram coletados por Cerqueira (2014), seguindo as normas usuais de taxonomia, e depositados no Herbário Alexandre Leal Costa (ALCB).

## COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados em maio de 2015, durante dois dias. Logo após as primeiras visitas às localidades, o projeto foi apresentado aos presidentes da associação dos moradores, para obtenção do consentimento, por meio da assinatura de carta de anuência. Conforme instruções da

Resolução n.º 466/12, todas as pessoas entrevistadas durante a execução da pesquisa assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para a coleta de dados, recorreu-se à técnica de entrevista complementar. Foram entrevistados 46 participantes, com os seguintes critérios para a padronização das entrevistas: entrevistar apenas moradores residentes há pelo menos cinco anos no local; adultos (com mais de 18 anos); ter alguém em domicílio e, se sim, entrevistar apenas uma pessoa por residência.

As entrevistas foram realizadas com uso de formulários impressos semiestruturados com 16 perguntas (sete subjetivas e nove objetivas). Abordaram-se os seguintes aspectos: 1) dados pessoais e socioeconômicos e 2) informações sobre as plantas medicinais utilizadas (nome popular, parte usada, indicações e preparo).

Uma prancha com imagens em colorido das plantas focais do estudo serviu para aferir o conhecimento empírico dos participantes acerca das espécies de interesse, a partir da citação do nome popular das espécies.

Também se empregou a técnica de observação do entrevistado, que permitiu à pesquisadora uma melhor inserção no cotidiano da população e, com um gravador de áudio (ICD-PX333 SONY), registraram-se todas as observações, sensações e até pequenos diálogos.

## RESULTADOS

Das 46 pessoas entrevistadas, 74% pertencem ao sexo feminino e 26% ao masculino. Quanto ao nível de escolaridade, 47% dos participantes têm o ensino fundamental incompleto e apenas 19% o ensino superior (incluindo incompleto).

Considerando o tempo de residência no município, 46% nasceram em Santa Terezinha e 54% nasceram em outra cidade; o tempo de residência variou de 1 semana a 70 anos.

A faixa etária exibiu uma significativa variação, abrangendo as idades de 15 a 98 anos; a faixa entre 15 e 56 anos (68%) foi a mais significativa, e 13 pessoas possuíam mais de 57 anos.

Sobre a ocupação dos entrevistados,  $n = 25$  são profissionais liberais (e.g. enfermeiro, professor, doméstica, eletricitista, montador de móveis...),  $n = 10$  são autônomos, houve cinco citações para pessoas aposentadas e três para atividades do lar. Além disso, três estudantes afirmaram não atuar no mercado de trabalho.

Como posição da família e provimento do lar, 46% das pessoas entrevistadas afirmaram partilhar as despesas em casa, sete informaram que são sustentadas pelos pais, três disseram que mantinham as despesas da casa sem partilhar e uma informou ser sustentada pelo cônjuge.

Apenas dois participantes afirmaram não fazer uso de plantas no seu cotidiano. Dos 46 entrevistados, 80% tiveram seu primeiro contato com a utilização de plantas medicinais na infância, 11% na fase adulta, 7% na adolescência e 2% alegaram não lembrar.

Além disso, 35 entrevistados informaram que aprenderam a usar as plantas com os pais, seguidos dos avós.

Relataram-se 59 espécies botânicas; as seis mais citadas foram: alecrim (*Rosmarinus officinalis* L., Lamiaceae), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf., Poaceae), erva-cidreira (*Melissa officinalis* L., Lamiaceae), erva-doce (*Pimpinella anisum* L. Apiaceae), hortelã-grosso (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng., Lamiaceae) e hortelã-miúdo (*Mentha piperita* L., Lamiaceae) (tabela 1).

Com relação à utilização, a categoria com maior número de citações foi medicinal (76%), seguida por alimentar (18%), ornamental (4%) e funções domésticas (2%). No que se refere às partes das plantas, a folha é a mais utilizada (68%) no preparo das receitas da medicina popular, tais como chás e infusões, sendo citada por 31 entrevistados (tabela 1).

**Tabela 1** – Plantas medicinais citadas em 46 entrevistas pela comunidade de Santa Terezinha, Bahia, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos comunitários, maio de 2015.

n	Família/Nome científico	Nome popular	Finalidade	Parte da planta utilizada	Número de citações	Frequência relativa (%)
<b>Amaranthaceae (2)</b>						
1	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina/Bezentacil	Medicinal; culinária	Folha	2	1,5%
2	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	Medicinal; culinária	Folha	1	0,8%
<b>Amaryllidaceae (1)</b>						
3	<i>Hippeastrum hybridum</i>	Açucena	Medicinal	Flor	1	0,8%
<b>Anacardiaceae (1)</b>						
4	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Aroeira	Medicinal	Folha; casca; entrecasca	7	5,3%
<b>Anonaceae (1)</b>						
5	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	Medicinal	Flor	1	0,8%
<b>Apiaceae (2)</b>						
6	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Tempero	Folha; caule	3	2,3%
7	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Erva-doce	Medicinal	Folha; semente	7	5,3%
<b>Arecaceae (2)</b>						
8	<i>Phoenix canariensis</i>	Palmeira	Ornamentação	Planta	1	0,8%
9	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	Ornamentação	Planta	1	0,8%
<b>Asphodelaceae (1)</b>						
10	<i>Aloe vera</i> L.	Babosa	Medicinal	Folha	3	2,3%
<b>Asteraceae (6)</b>						
11	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losna	Medicinal	Folha	1	0,8%
12	<i>Bidens pilosa</i> L.	Carrapicho-de-agulha	Medicinal	Planta	2	1,5%
13	<i>Cnicus benedictus</i>	Cardo-santo	Medicinal	Folha	1	0,8%
14	<i>Eremanthus erythropappus</i> DC.	Candeia	Medicinal	Vagem	1	0,8%
15	<i>Matricaria recutita</i> L.	Camomila	Medicinal	Flor; folha	1	0,8%
16	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less	Assa-peixe	Medicinal; ornamentação	Folha; entrecasca; semente	1	0,8%
<b>Balsaminaceae (1)</b>						
17	<i>Impatiens glandulifera</i> Royle	Beijo	Medicinal	Folha	4	3,0%
<b>Brassicaceae (2)</b>						
18	<i>Nasturtium officinale</i> W.T. Aiton	Agrião	Medicinal	Folha	1	0,8%
19	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	medicinal; Culinária	Folha	1	0,8%
<b>Cactaceae (1)</b>						
20	<i>Opuntia ficus indica</i> Mill	Palma	Medicinal	Folha	1	0,8%
<b>Celastraceae (1)</b>						
21	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.	Espinho-cheiroso	Medicinal	Folha; entrecasca	1	0,8%
<b>Cucurbitaceae (1)</b>						
22	<i>Cucurbita moschata</i> Dusch	Abóbora	Medicinal	Folha; flor	1	0,8%

continua...

Continuação da tabela 1

n	Família/Nome científico	Nome popular	Finalidade	Parte da planta utilizada	Número de citações	Frequência relativa (%)
<b>Fabaceae (8)</b>						
23	<i>Amburana cearensis</i> (Allem.)	Umburana-de-cheiro	Medicinal; marcenaria	Folha; madeira	1	0,8%
24	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata-de-vaca	Medicinal	Folha	1	0,8%
25	<i>Erythrina mulungu</i> Mart. ex Benth	Mulungu	Medicinal; ornamentação	Galho; entrecasca; semente	1	0,8%
26	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	Medicinal	Folha; flor	2	1,5%
27	<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.)	Arcançu	Medicinal	Folha; raiz	1	0,8%
28	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tul.) L.P.	Catingueira	Medicinal	Folha; casca	2	1,5%
29	<i>Senna occidentalis</i> (L.)	Fedegoso	Medicinal	Folha	1	0,8%
30	<i>Stryphnodendron barbatiman</i> M.	Barbatimão	Medicinal	Folha; entrecasca	1	0,8%
<b>Lamiaceae (8)</b>						
31	<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã-miúdo	Medicinal; Culinária	Folha	6	4,5%
32	<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	Medicinal	Folha	5	3,8%
33	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjerição	Tempero	Folha; caule	1	0,8%
34	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Quioiô	Medicinal	Folha	3	2,3%
35	<i>Ocimum micranthum</i> Willd	Alfuvaca-de-galinha	medicinal; Culinária	Folha	4	3,0%
36	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Hortelã-grosso	medicinal; culinária	Folha	7	5,3%
37	<i>Plectranthus barbatus</i>	Alumã	Medicinal	Folha	2	1,5%
38	<i>Rosmarinus latifolius</i> Mill.	Alecrim	Medicinal; culinária	Folha	5	3,8%
<b>Lauraceae (1)</b>						
39	<i>Cinnamomum verum</i> J.Presl	Canela	Medicinal; culinária	Folha; entrecasca	1	0,8%
<b>Lythraceae (1)</b>						
40	<i>Cuphea carthagenensis</i>	Sete-sangrias	Medicinal; ornamentação	Galho; semente; entrecasca	1	0,8%
<b>Malpighiaceae (1)</b>						
41	<i>Malpighia emarginata</i> Sesse & Moc.	Acerola	Medicinal; culinária	Folha	1	0,8%
<b>Monimiaceae (1)</b>						
42	<i>Peumus boldus</i> M.	Boldo	Medicinal	Folha	8	6,1%
<b>Myrtaceae (4)</b>						
43	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Medicinal	Folha	1	0,8%
44	<i>Myrciaria cuspidata</i>	Cambuí	Medicinal	Folha	1	0,8%
45	<i>Corymbia citriodora</i> (Hook.) K.D. Hill & L.A.S. Johnson	Eucalipto	Medicinal	Folha	1	0,8%
46	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Medicinal; culinária	Folha	1	0,8%
<b>Oxalidaceae (2)</b>						
47	<i>Averrhoa bilimbi</i> L.	Berberi	Medicinal	Folha; fruto	1	0,8%
48	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Medicinal	Folha	1	0,8%

continua...

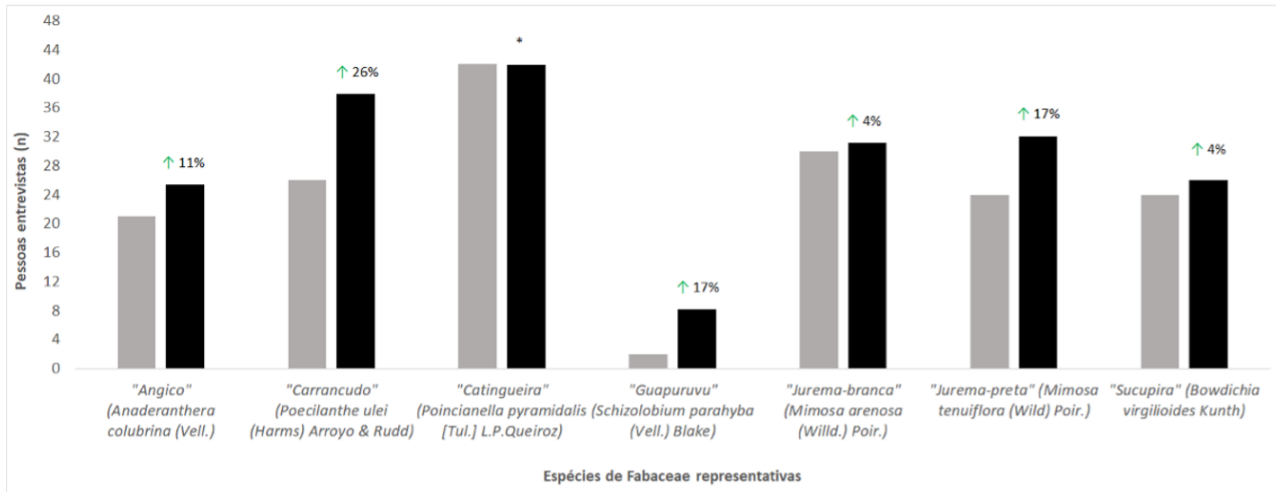
Continuação da tabela 1

n	Família/Nome científico	Nome popular	Finalidade	Parte da planta utilizada	Número de citações	Frequência relativa (%)
<b>Phyllanthaceae (1)</b>						
49	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	Medicinal; marcenaria	Folha; madeira	1	0,8%
<b>Plantaginaceae (1)</b>						
50	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	Medicinal	Folha	1	0,8%
<b>Poaceae (1)</b>						
51	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf.	Capim-santo	Medicinal	Folha; casca; caule	14	10,6%
<b>Rubiaceae (1)</b>						
52	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Medicinal	Folha; fruto	1	0,8%
<b>Rutaceae (2)</b>						
53	<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck.	Laranja	Medicinal	Folha	3	2,3%
54	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Medicinal	Folha	2	1,5%
<b>Salicaceae (1)</b>						
55	<i>Salix babylonica</i>	Chorão	Medicinal	Folha; fruto; semente	1	0,8%
<b>Urticaceae (1)</b>						
56	<i>Pilea microphylla</i>	Brilhantina	Medicinal	Folha	1	0,8%
<b>Plantas sem identificação científica confirmada (3)</b>						
57	*	Traçado	Tempero	Folha; caule	3	2,3%
58	*	Unin	Medicinal	Vagem	1	0,8%
59	*	Baba	Medicinal; ornamentação	Galho; entrecasca; semente	1	0,8%

A família botânica Lamiaceae foi a que exibiu maior número de espécies citadas, enquanto Poaceae é a família que tem o maior número de citações pelos entrevistados. Para a família Fabaceae, além das sete espécies-alvo da flora nativa, outras sete foram mencionadas quanto ao seu uso popular. Considerando apenas as espécies de Fabaceae selecionadas (tabela 2), a catingueira (*P. pyramidalis*) foi reconhecida por 91% moradores, com e sem a prancha de identificação. Em contrapartida, sobre a espécie conhecida popularmente como guapuruvu (*S. parahyba*), sem o auxílio da prancha de identificação, cerca de 95% das pessoas entrevistadas disseram não conhecer e somente dois entrevistados afirmaram conhecê-la; já com a prancha de identificação, o reconhecimento subiu para 22% (figura 2).

No tocante à finalidade de uso das sete espécies em questão, carrancudo (*P. ullei*) e catingueira foram as mais citadas, sendo relatadas nos mais variados tipos de tratamentos, seja para combater dor de barriga, seja para fins madeireiros e em bebidas alcoólicas.

Considerando as formas de obtenção, 48% dos informantes declararam cultivar as plantas em seu próprio quintal, 38% coletavam na mata e 14% compram em feiras populares e mercados (tabela 2). Para a planta guapuruvu, não foi mencionada nenhuma finalidade de uso botânico.



**Figura 2** – Reconhecimento de Fabaceae nativas arbóreas de mata atlântica e caatinga pelos 46 moradores entrevistados em Santa Terezinha (BA), região ecotonal entre mata atlântica e caatinga, no Nordeste do Brasil, em maio de 2015. As barras demonstram o reconhecimento espontâneo (em cinza) e após mostrar a prancha fotográfica botânica (em preto) das espécies-alvo. Os valores acima das barras demonstram o incremento do reconhecimento em % para cada espécie botânica e sinalizado de “\*” quando da ausência de diferença. Fonte: primária.

**Tabela 2** – Principais leguminosas arbóreas na região de Santa Terezinha (BA), região ecotonal entre mata atlântica e caatinga, no Nordeste do Brasil, com os respectivos nomes científicos e populares, parte utilizada, formas de preparo e uso local referido pelos 46 comunitários entrevistados, em maio de 2015. A ausência de informação foi mencionada como “\*”.

Nome científico	Nome popular	Parte da planta utilizada	Forma de preparo	Uso local
<i>Anaderanthera colubrina</i> (Vell.)	Angico	Casca; entrecasca; madeira; raiz	Chá; infusão	Anti-inflamatório; combate a gripe; controle para diabetes; potencial madeireiro
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira-preto	Madeira	Lenha	Potencial madeireiro; utensílios; tratamento para coluna
<i>Mimosa arenosa</i> (Willd.) Poir.	Jurema-branca	Casca; entrecasca	Chá; infusão	Potencial madeireiro; remédio para animais
<i>Mimosa tenuiflora</i> (Wild) Poir.	Jurema-preta	Folha; madeira	Carvão; lenha	Cicatrizante; remédio para animais
<i>Poincianella pyramidalis</i> [Tul.] L.P. Queiroz	Catingueira	Casca; entrecasca; flor; folha; madeira	Chá; infusão; lenha	Combate a má digestão; controle para diabetes; potencial madeireiro; confecção de cachaça; ornamentação; tratamento para gastrite; redução de peso; controle arterial; uso religioso; combate a dor de barriga
<i>Poecilanthe ulei</i> (Harms) Arroyo & Rudd	Carrancudo	Casca; entrecasca; fruto; madeira	Lenha; chá	Cicatrizante; combate a gripe; potencial madeireiro; confecção de cachaça; alimentos para animais; combate a dor de barriga
<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake	Guapuruvu	*	*	*

## DISCUSSÃO

Os resultados obtidos evidenciaram que o uso de plantas medicinais ainda é um importante recurso terapêutico, essencial para a manutenção da saúde da comunidade de Santa Terezinha,



sobretudo quando se considera que a comunidade em estudo é um município com menos de 10 mil habitantes (IBGE, 2021), com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) (PNUD, 2022) e onde os serviços de saúde podem não atender com eficiência à comunidade local. Nesse contexto, o uso de plantas para tratamentos de problemas de saúde e os saberes tradicionais ainda são bastante frequentes. Segundo o relato dos moradores, o consumo de remédio caseiro ainda é uma alternativa medicinal para o tratamento de doenças comuns. Ao mesmo tempo, os dados da presente pesquisa demonstram que o reconhecimento e a identificação das sete Fabaceae arbóreas ocorrentes no município, por parte dos moradores, são maiores quando do uso de pranchas ilustradas.

Assim como em Santos *et al.* (2008), foi possível verificar uma predominância do sexo feminino entre os entrevistados. Isso em parte se justifica pelo fato de as entrevistas terem ocorrido em casa. Culturalmente, observa-se que a casa e seus arredores representam espaços femininos, tanto nas sociedades indígenas quanto nas camponesas e nas cidades, sendo as mulheres as principais chefes de família no Brasil (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004; MACEDO, 2008). Além disso, na cultura ocidental, o ato de cuidar e os saberes relacionados à preparação de remédios são muito associados ao feminino e o conhecimento medicinal botânico masculino é literariamente considerado menor e está restrito às espécies na floresta (VÁSQUEZ *et al.*, 2014).

Segundo Guarim Neto (1987), as pessoas com mais idade são detentoras de importantes informações acerca do uso de plantas medicinais. No entanto a população aqui amostrada se revelou relativamente jovem (entre 36 e 56 anos). Apesar da idade, os entrevistados geraram informações significativas sobre a flora da caatinga. A maior parte trabalha na agricultura, o que explica a grande percentagem de pessoas apenas com o ensino fundamental incompleto, onde a continuidade aos estudos pode não ser tão acessível. Tal padrão já fora relatado por Oliveira & Menini-Neto (2012), no levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, em Lima Duarte (MG).

Múltiplos usos botânicos das espécies de plantas listadas foram citados pelos moradores, mas o uso medicinal foi o mais mencionado na comunidade, assim como ocorre em diversos estudos similares (PILLA *et al.*, 2006; CASSINO, 2010; CUNHA & BORTOLOTTI, 2011; COSTA & MARINHO, 2016). Para Linhares *et al.* (2014), o conhecimento acerca das plantas medicinais é o resultado da relação das comunidades humanas com o seu ecossistema e o seu ambiente cultural em função do tempo. Nesse sentido, a utilização desses recursos naturais numa comunidade tradicional, como Santa Terezinha, muitas vezes, é um recorte temporal e cultural que se torna um complemento ou, em alguns casos, o único meio para o tratamento de enfermidades e sobrevivência da maioria dos moradores. O número de plantas citadas na comunidade é considerado alto (59 espécies), resultado já esperado graças à grande diversidade vegetacional da região, que se encontra em um local entre dois grandes biomas: a floresta atlântica e a caatinga. Levantamentos semelhantes também registraram um valor expressivo, de 53 a 143 espécies citadas (ALMEIDA *et al.*, 2005; MORAIS *et al.*, 2005; SILVA *et al.*, 2006; CARTAXO *et al.*, 2010; OLIVEIRA *et al.*, 2010; ROQUE *et al.*, 2010; MARINHO *et al.*, 2011; SANTOS *et al.*, 2012).

As seis espécies vegetais mais referidas para uso no cotidiano foram as mesmas apontadas por estudos sobre o uso popular de plantas medicinais pelas comunidades rurais de Vargem Grande, em Natividade da Serra (SP) (SANTOS *et al.*, 2008); de Mutuípe (BA) (SIRQUEIRA *et al.*, 2011); de Brenha, em Redenção (CE) (SANTOS *et al.*, 2018); e de Palotina (PR) (STEFANELLO *et al.*, 2018). Assim, as espécies de plantas relatadas pelos moradores do município em estudo mostram-se similares aos resultados encontrados em outras comunidades tradicionais brasileiras. Tais resultados sugerem que os tratamentos de saúde populares convivem paralelamente com os serviços de saúde, seja pelas condições encontradas pela população local ou pela transmissão da herança cultural. O aumento constante dos preços dos medicamentos também é outro motivo a ser considerado para a utilização das plantas medicinais e de saberes populares (MAIOLI-AZEVEDO & FONSECA-KRUEL, 2007).

A utilização de folhas tem sido constantemente citada em levantamentos (ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002; PINTO *et al.*, 2006; CASSINO, 2010; AGUIAR & BARROS, 2012). A disponibilidade do recurso foliar pode ser um indicativo desse elevado uso, em relação às outras partes da planta, já que flores, frutos e sementes não se encontram disponíveis em todas as épocas do ano (CASTELLUCCI *et al.*, 2000; VÁSQUEZ *et al.*, 2014). Além disso, Jacoby & Rudich (1987) e Gonçalves & Martins

(1998) afirmam que, nas folhas da maioria das espécies vegetais, é onde se concentra grande parte dos princípios ativos empregados nos medicamentos. Em uma perspectiva conservacionista, a predominância do uso de folhas é positiva, já que a obtenção desse produto medicinal não implicaria, necessariamente, a morte da planta, sendo um ponto favorável para a preservação das espécies (SANTOS *et al.*, 2012; COAN & MATIAS, 2014).

Ainda que as plantas estejam em todos os lugares, a identificação correta científica e visual é muito importante para que se tenha certeza da espécie em uso (PACÍFICO *et al.*, 2020). Nesse sentido, as variações linguísticas e geográficas permanecem sendo um grande desafio, ao mesmo tempo em que se verificou que, embora citando o nome popular as pessoas possam não lembrar ou conhecer, o presente estudo exemplifica que, com pranchas botânicas ilustradas, o reconhecimento botânico aumenta de forma significativa. Esse fato reforça fortemente que o conhecimento botânico científico, para ser mais acessível e atrativo à população geral, deve ter boas ilustrações e fotografias, uma vez que o reconhecimento visual da morfologia vegetal constitui um dos principais estímulos sensoriais aos seres humanos.

Catingueira (*P. pyramidalis*) e carrancudo (*P. ulei*) foram as espécies mais citadas pelos moradores, provavelmente porque são endêmicas da caatinga, comuns na região e muito utilizadas, o que, por consequência, difunde popularmente os seus múltiplos usos (BAHIA, 1979; SALVAT *et al.*, 2004; ZANINE *et al.*, 2005; SILVA & FREIRE, 2010). Em contrapartida, guapuruvu (*S. parahyba*) revelou-se pouco conhecido. Tal fato se justifica em parte em virtude de seu grande porte e ocorrência em ambiente florestal, o que torna difícil o seu acesso por parte dos moradores.

A estreita relação planta-indivíduo dos entrevistados de Santa Terezinha, na sua maioria, iniciou-se na infância. A origem desse aprendizado deu-se no seio familiar, por meio dos progenitores. A transferência do conhecimento etnobotânico é caracterizada como “transgeracional”, em que a passagem do conhecimento ocorre mediante contato intenso entre gerações (AMOROZO, 1996). Em relação à aquisição das espécies vegetais, a maioria é feita por meio de cultivo em residências, assim como verificado em Pires *et al.* (2009). Entretanto a obtenção pela coleta na mata se faz muito pertinente, por se tratar de espécies endêmicas, além do que, em alguns casos, a mata se torna a extensão dos quintais individuais das residências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo se fez relevante por abranger o conhecimento acerca da relação homem-planta de algumas espécies da flora dos biomas caatinga e mata atlântica. A comunidade de Santa Terezinha (BA) revelou-se estritamente relacionada com as espécies nativas, iniciando o primeiro contato com as plantas no seio familiar. As espécies nativas disponíveis na região são aproveitadas para diversas finalidades, com destaque para o uso medicinal. *P. pyramidalis* (catingueira) mostrou-se importante para a comunidade, por ser altamente utilizada para variados fins, cultivada em sua maioria em quintais, tendo destaque a sua aplicação medicinal, e a folha é a parte da planta mais empregada. Apesar da ampla variedade de recursos na comunidade, há uma pressão extrativista sobre algumas espécies. Isso indica que, por um lado, a comunidade preserva o conhecimento sobre as espécies nativas da região, mas, por outro, sofre carências de como manter e garantir a disponibilidade dos recursos. Dessa maneira, o presente estudo pode contribuir para posteriores trabalhos relacionados às práticas de utilização das plantas medicinais, conservação e uso sustentável da diversidade vegetal, valorização das comunidades tradicionais e divulgação dos saberes botânicos de forma ilustrada, como um apelo sensorial bastante significativo no reconhecimento cotidiano das plantas, independentemente de seu uso e finalidade.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (Fapesb) o apoio financeiro do projeto (edital 008/2012) em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA). À M.Sc. MLS Guedes (UFBA) as

identificações botânicas. À comunidade de Santa Terezinha a contribuição e participação no desenvolvimento deste trabalho, especialmente à dona Matilde o acolhimento e a localização das ruas do município. Aos biólogos Lucileide Cerqueira e Redilson da Silva Fonseca a colaboração em campo.

## REFERÊNCIAS

- Aguiar, L. C. G. G. & Barros, R. F. M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense, município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2012; 14 (3): 419-434.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722012000300001>.
- Albuquerque, U. P. Manejo tradicional de plantas em regiões neotropicais. *Acta Botanica Brasilica*. 1999; 13(3): 307-315.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-33061999000300011>
- Albuquerque, U. P. Introdução à etnobotânica. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência; 2006; 93 p.
- Albuquerque, U. P. & Andrade, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 2002; 16(3): 273-285.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062002000300004>
- Albuquerque, U. P. & Hanazaki, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. *Revista Brasileira de Farmacologia*. 2006; 16: 678-689.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-695X2006000500015>
- Albuquerque, U. P. & Lucena, R. F. P. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. Recife: UFRPE; 2004. 135 p.
- Almeida, C. F. C. B. R., Silva, T. C. L., Amorim, E. L. C., Maia, M. B. S. & Albuquerque, U. P. Life strategy and chemical composition as predictors of the selection of medicinal plants from the caatinga (Northeast Brazil). *Journal of Arid Environments*. 2005; 2: 127-142.  
Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jaridenv.2004.09.020>
- Amorozo, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: Distasi, L. C. (org.). *Plantas medicinais: arte e ciência, um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: Unesp; 1996. p. 47-68.
- Atlas do Desenvolvimento Humano. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). 2010. [Acesso em: 8 jan. 2022]. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil>.
- Bahia, M. V. Inventário de plantas medicinais do estado da Bahia. Seplanteq/CADCT; 1979. 25 p.
- Cartaxo, S. L., Souza, M. M. A. & Albuquerque, U. P. Medicinal plants with bioprospecting potential used in semi-arid northeastern Brazil. *Journal of Ethnopharmacology*. 2010; 131: 326-342.  
Doi: [10.1016/j.jep.2010.07.003](https://doi.org/10.1016/j.jep.2010.07.003)
- Cassino, M. F. Estudo etnobotânico de plantas medicinais em comunidades de várzea do Rio Solimões, Amazonas e aspectos farmacognósticos de *Justicia pectoralis* Jacq. forma *mutuquinha* (Acanthaceae) [Dissertação de Mestrado]. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia/Universidade Federal do Amazonas; 2010.
- Castellucci, S., Lima, M. I. S., Nordi, N. & Marques, J. G. W. Plantas medicinais relatadas pela comunidade residente na Estação Ecológica de Jataí, município de Luís Antônio – SP; uma abordagem etnobotânica. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2000; 3(1): 51-60.
- Coan, C. M. & Matias, T. A utilização das plantas medicinais pela comunidade indígena de Ventarra Alta – RS. *Revista de Saúde e Biologia*. 2014; 9(1): 11-19.
- Costa, J. C. & Marinho, M. G. V. Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2016; 18: 125-134.  
Doi: [https://doi.org/10.1590/1983-084X/15\\_071](https://doi.org/10.1590/1983-084X/15_071)

- Cunha, S. A. & Bortolotto, I. M. Etnobotânica de plantas medicinais no assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 2011. 25: 685-698.  
Doi: 10.1590/S0102-33062011000300022
- Feijó, E. V. R. S., Pereira, A. S., Souza, L. R., Silva, L. A. M. & Costa, L. C. B. Levantamento preliminar sobre plantas medicinais utilizadas no bairro Salobrinho no município de Ilhéus, Bahia. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2013; 15(4): 595-604.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722013000400017>
- Figueiredo, G. M., Leitão-Filho, H. F. & Begossi, A. Ethnobotany of atlantic forest coastal communities: diversity of plants uses in Gamboa (Itacuruçá island, Brazil). *Human Ecology*. 1993; 21(4): 419-430.
- Fonseca-Kruel, S. V. & Peixoto, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 2004; 18: 177-190.
- Gonçalves, M. I. A. & Martins, D. T. O. Plantas medicinais usadas pela população do município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil. *Revista Brasileira de Farmácia*. 1998; 79(3/4): 56-61.
- Guarim Neto, G. Plantas utilizadas na medicina popular do estado de Mato Grosso. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; 1987. 58 p.
- Guarim Neto, G., Santana, S. R. & Bezerra da Silva, J. V. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. *Acta Botanica Brasilica*. 2000; 14(3): 327-334.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062000000300009>
- Hanazaki, N., Tamashiro, J. Y., Leitão-Filho, H. F. & Begossi, A. Diversity of plants uses in two “caçara” communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. *Biodiversity and Conservation*. 2000; 9: 597-615.  
Doi: <https://doi.org/10.1023/A:1008920301824>
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e estados. 2021. [Acesso em: 18 dez. 2021]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santa-terezinha>.
- Jacoby, C., Coltro, E. M., Sloma, D. C., Muller, J., Dias, L. A., Luft, M. & Bruski, P. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade rural de Guamirim, município de Irati, PR. *Revista Ciências Exatas e Naturais*. 2002; 4(1): 79-89.
- Jacoby, B. & Rudich, B. Compound 48/80, a calmodulin antagonist, inhibits ion-porter function in plant roots. *Physiologia Plantarum*. 1987; 70(4): 617-621.
- Linhares, J. F. P., Hortegal, E. V., Araujo Rodrigues, M. I. de & da Silva, P. S. S. Etnobotânica das principais plantas medicinais comercializadas em feiras e mercados de São Luís, estado do Maranhão, Brasil. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*. 2014; 5(3): 39-43.  
Doi: <http://dx.doi.org/10.5123/S2176-62232014000300005>
- Liporacci, H. S. N. & Simão, D. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2013; 15(4): 529-540.
- Macedo, M. S. Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. *Resenha Temática Caderno CRH*. 2008; 21(53): 389-404.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792008000200013>
- Macedo, T. S., Góes Neto, A. & Nonato, F. R. Análise florística e fitogeografia das samambaias e licófitas de um fragmento de mata atlântica na Serra da Jibóia, Santa Teresinha, Bahia, Brasil. *Rodriguésia*. 2013; 64(3): 561-572.
- Maciel, M. A. M., Pinto, A. C., Veiga Jr., V. F., Grynberg, N. F. & Echevarria, A. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. *Química Nova*. 2002; 25(3): 429-438.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-40422002000300016>
- Maioli-Azevedo, V. & Fonseca-Kruel, V. S. D. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas norte e sul. *Acta Botanica Brasilica*. 2007; 21(2): 263-275.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062007000200002>

- Marinho, M. G. V., Silva, C. C. & Andrade, L. H. C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2011; 13(2): 170-182.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722011000200008>
- Martins, A. G., Rosário, D. L., Barros, M. N. & Jardim, M.A.G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais, alimentares e tóxicas da Ilha do Combu, município de Belém, estado do Pará. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. 2005; 86: 31-30.
- Milan, E. & Moro, R. S. O conceito biogeográfico de ecótono. *Terr@ Plural*. 2016; 10(1): 75-88.
- Ming, L. C. & Grossi, E. P. A. Etnobotânica na recuperação do conhecimento popular. *Anais. Encontro Internacional sobre Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*. Botucatu: Unesp; 2001. p. 15-20.
- Moraes, L. A. S., Facanali, R., Marques, M. O. M., Ming, L. C. & Meireles, M. A. A. Phytochemical characterization of essential oil from *Ocimum selloi*. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. 2002; 74: 183-186.
- Morais, S. M. D., Dantas, J., Silva, A. R. A. D. & Magalhães, E. F. Plantas medicinais usadas pelos índios Tapebas do Ceará. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. 2005; 5(2): 169-177.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-695X2005000200017>
- Oliveira, E. R. & Menini-Neto, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2012; 14(2): 311-320.
- Oliveira, G. L., Oliveira, A. F. M. & Andrade, L. H. C. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 2010; 24: 571-577.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062010000200026>
- Pacífico, L. D. S., Britto, L. F. S. & Ludermir, T. B. Reconhecimento de plantas medicinais através de características das folhas e aprendizagem de máquina. *Anais. 14 Brazilian E-Science Workshop (Bresci)*. Cuiabá; 2020. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação; 2020. p. 17-24.  
Doi: <https://doi.org/10.5753/bresci.2020.11177>
- Pilla, M. A. C., Amorozo, M. C. & Furlan, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 2006; 20: 789-802.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062006000400005>
- Pinto, E. P.P., Amorozo, M. C. & Furlan, A. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de mata atlântica – Itacaré, BA, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*. 2006; 20: 751-762.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-33062006000400001>
- Pires, M. V., Abreu, P.P., Soares, C. S., Souza, B., Mariano, D., Silva, D. C. & Rocha, E. A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*. 2009; 7(1): 3-8. [Acesso em: 25 ago. 2016]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/1108>.
- PNUD – Programa das Nações Unidas de Desenvolvimento. 2022. [Acesso em: 3 abr. 2023]. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/publications/relatorio-anual-2022>.
- Queiroz, L. P. D. Leguminosas da caatinga. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana; 2009. 914 p.
- Ribeiro, D. A., Macedo, D. G., Saraiva, M. E., Oliveira, S. F., Souza, M. M. A. & Menezes, I. R. A. Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2014; 16(4): 912-930.  
Doi: 10.1590/1983-084X/13\_059
- Rodrigues, V. E. G. & Carvalho, D. A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais do domínio cerrado na região do Alto Rio Grande, Minas Gerais. *Ciência Agrotécnica*. 2001; 25: 102-123.

- Roque, A. A., Rocha, R. M., Loiola, M. I. B. Uso e diversidade de plantas medicinais da caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2010; 12(1): 31-42.
- Salvat, A., Antonacci, L., Fortunato, R. H., Suarez, E. Y. & Godoy, H. M. Antimicrobial activity in methanolic extracts of several plant species from northern Argentina. *Phytomedicine*. 2004; 1: 230-234.
- Santos, J. F. L., Amorozo, M. C. M. & Ming, L. C. Uso popular de plantas medicinais na comunidade rural da Vargem Grande, município de Natividade da Serra, SP *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2008; 10(3): 67-81.
- Santos, L., Salles, M. G., Pinto, C., Pinto, O. & Rodrigues, I. O saber etnobotânico sobre plantas medicinais na comunidade da Brenha, Redenção, CE. *Agrarian Academy*. 2018; 5(9): 409-421.  
Doi: 10.18677/Agrarian\_Academy\_2018a40
- Santos, S. L. D. X., Alves, R. R. N., Santos, S. L. D. X., Barbosa, J. A. A. & Brasileiro, T. F. Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade rural do semi-árido da Paraíba, Nordeste do Brasil. *Revista Brasileira de Farmácia*. 2012; 93(1): 68-79.
- SEI – International Society of Ethnobiology. 2014. [Acesso em: 16 out. 2016]. Disponível em: <http://ethnobiology.net/>.
- Silva, T. S & Freire, E. M. X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*. 2010; 4: 427-435.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S1516-05722010000400005>
- Silva, V. A., Andrade, L. H. C. & Albuquerque, U. P. Revising the cultural significance index: the case of the Fulni-ô in Northeastern Brazil. *Field Methods*. 2006; 18(1): 98-108.  
Doi: 10.1177/1525822X05278025
- Sirqueira, B. F., Escobar, P. A. J., Lacerda, G. A. & Damasceno, E. M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa Saúde da Família” no município de Juvenília, Minas Gerais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Ciências da Saúde*. 2011; (2): 36-42.
- Stefanello, S., Kozera, C., Ruppelt, B. M., Fumagalli, D., Camargo, M. P. & Sponchiado, D. Levantamento do uso de plantas medicinais na Universidade Federal do Paraná, Palotina – PR, Brasil. *Extensão em Foco*. 2018; 15: 15-27.
- Vásquez, S. P.F., Mendonça, M. S. D. & Noda, S. D. N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. *Acta Amazonica*. 2014; 44: 457-472.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/1809-4392201400423>
- Veiga-Junior, V. F. Estudo do consumo de plantas medicinais na região centro-norte do estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. *Revista Brasileira de Farmacognosia*. 2008; 18: 308-313.  
Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-695X2008000200027>
- Zanine, A. M., Santos, E. M., Ferreira, D. J., Almeida, J. C. C., Macedo-Junior, G. L. & Oliveira, J. S. Composição bromatológica de leguminosas do semiárido brasileiro. *Livestock Research for Development*. 2005; 17(8): 1-5.